

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CANCIONEIRO ALEGRE

DE POETAS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

COMMENTADO

Je voudrais savoir si la grande règle de toutes les règles n'est pas de plaire? Laissons-nous aller de bonne foi aux choses qui nous prennent par les entrailles et ne cherchons point de raisonnements pour nous empêcher d'avoir du plaisir.

MOLIÈRE

Quarta edição, seguida dos CRITICOS DO CANCIONEIRO

VOLUME I



PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.^{da}
editores — Rua das Carmelitas, 144

1927

CANCIONEIRO ALEGRE

GUERRA JUNQUEIRO

Lisboa faz e desfaz, com a mesma sem-ceremonia, os grandes poetas. É a moderna Jerusalem dos judeus antigos. Recebe em Santa Apolonia com hosanas e fados os pregoeiros da Idéa Nova em prosa e verso. Depois enfastia-se d'elles, cae em si, chama-se tola, e crucifica-os. E elles, os crucificados, chamam-lhe *Lourinhã*; e, se não recessassem ferir conveniencias pessoalmente topographicas, chamar-lhe-iam *Freixo-de-Espada-á-Cinta*.

Lisboa encerra entre os seus marmores e granitos grandes cabeças antigas; mas paradas como os preciosos relógios de Luiz XIV — monumentos em bronze com verdete, e em crâneos descabellados. Uns litteratos que já foram de maço e mona estão nas secretarias, estão nas suas casas a comer o paiz, a descascar os joanetes e a envelhecer n'um egois-

mo sordido. Tolhe-os uma desdenhosa indiferença por cousas litterarias. A Idéa Nova de vez em quando cita-os para os enxovalhar. Mendes Leal é o *vate*, Latino Coelho é o *rhetorico*, Antonio de Serpa é o cytharista dos *solãos* de 34. Como que esbatidos para dentro da idade média, nem são respeitados nem temidos na sua indolente cobardia.

Ora, cada jornal tem uma cellula em que esfervilha um recheio de ignorancia hostil á auctoridade. D'estas fermentações fumegam os effluvios, que, um dia, incensaram Theophilo, e n'outro dia Guerra Junqueiro. Os escriptores sérios a quem cumpria retardar pelo menos com o canterio da zombaria o lavrar do cancro, esses fazem da politica uma philosophia de mais e um prato a maior na sua mesa. Para não comerem favas, trocam por lentilhas a dignidade das letras. São desprezados como merecem.

O snr. Guerra Junqueiro é actualmente um poeta inspirado de si mesmo. É o pellicano que se bica e pica nos seios da sua alma e sangra de lá a seiva de syllabas com que alimenta os seus filhos queridos — os alexandrinos. Ha onze annos, todavia, não era elle tão estremadamente original. Modelava-se por mestres de auctoridade e gosto muito equivocos, e não se dedignava de subscrever poesias triviaes surradas d'um roçoco patriota e chôcho.

Não é mau exemplificar, quando se põe um grão de helléboro na ambula com que me proponho engrossar os vapores do incenso que o trazem endeusado em fumo desde a Casa Havaneza até ao Pote das Almas, e d'ahi pelo resto da Peninsula dentro.

Em 1867, o snr. Guerra Junqueiro deu á luz um livrinho de versos, chamado VOZES SEM ECHO. A pag. 125 e 126 d'este opusculo ha umas quadras (improviso) intituladas *Na cruz alta do Bussaco*.

Agora, outra cousa.

Na GUIA HISTORICA DO BUSSACO por Augusto Mendes Simões de Castro, pag. 220, ha umas quadras (improviso) intituladas *Bussaco*, datadas em 1862, e assignadas Luiz Carlos.

Confrontem-se :

Luiz Carlos, em 1682 :

NO BUSSACO

(IMPROVISO)

Foi aqui, foi aqui que o *povo* lusitano
O trilho da victoria achou mais uma vez ;
Foi aqui que, gemendo, as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez!

Parece-me inda ouvir o grito dos vencidos,
O estrepito da lucta, as vozes do canhão ;
Parecem retumbar ainda a meus ouvidos
Os echos do clarim, perdidos na amplidão!

Meus olhos cuidam vêr o aspecto magestoso
D'aquelles que o pendão da patria defenderam!
O canto da floresta, um canto grandioso,
É hymno de triumpho e nenia aos que morreram!

Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora ;
Tranquillos repousai da ingente heroicidade :
Raiou de vossa campa a deslumbrante aurora,
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!

Guerra Junqueiro, em 1867 :

NA CRUZ ALTA DO BUSSACO

(IMPROVISO)

Foi aqui, foi aqui que o *braço* lusitano
Os lieros da victoria abriu mais uma vez!
Foi aqui, *foi aqui* que as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez.

Parece-me inda ouvir o grito dos vencidos,
O *estrondo* da batalha, os *roncos* do canhão!
Parecem *reboar* ainda aos meus ouvidos
Os echos do clarim, perdidos na amplidão.

Nos robles estou vendo o vulto valoroso
Dos nossos que o pendão das *Quinas* defenderam!
O canto da floresta, *altivo, rumoroso*,
É hymno de triumpho, *é* nenia aos que morreram!

Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora ;
Das Ides descançai na *santa eternidade* :
Raiou de vossa campa *uma sublime aurora*,
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!

Á primeira vista, figurou-se-me que o snr. Guerra Junqueiro, ainda verde, escrevesse em 1862 com o pseudonymo *Luiz Carlos*; e cinco annos depois, inscrevendo-se com o seu já maduro e genuino nome, emendasse a poesia, substituído as palavras que sublinhei.

Sendo assim, é de notar que as emendas peoraram as quadras; mas assim não foi. *Luiz Carlos* não é pseudonymo: é o snr. bacharel Luiz Carlos Simões Ferreira, redactor que foi do *Instituto de Coimbra*, e auctor de alguns poemas bons, impressos n'aquelle semanario desde 1862 até 1864.

Vê-se pois que ha dez annos ainda o snr. Junqueiro se acingia á auctoridade, tinha predilecções por certos exemplares, perfilhava dezeseis rimas de quatro quadras feitas por Luiz Carlos e improvisadas por elle, snr. Guerra, porque as rimas são de toda a gente; e Miguel de Couto Guerreiro, quando fez um *DICIONARIO DE CONSOANTES*, não disse que era dono das consoantes como das suas botas e do seu nariz. Pelo que respeita á analogia das idéas dos dous improvisos, o reparo seria uma niquice. Guerra Junqueiro servia-se então dos pensamentos communs e encontradiços; o thesouro das cousas originaes abriu-o mais tarde, quando as *FLORES DO MAL* de Baudelaire se desabotoaram no bom guano que lhe offereciam os espiritos tábidos da juventude patria.

A MORTE DE D. JOÃO é uma desova de toda a sua originalidade franceza. Tem cousas de tanto chiste que bem se está revendo n'ellas uma graça estrangeira. O que mais realça n'este livro é o que

nos faz rir á custa das desgraças sociaes, á custa da lepra do vicio, por conta do diabo «a quem quebraram os cornos», e á custa do Padre Eterno, que morreu primeiro que o «diabo derrabado».

Este geito de poesia tem d'olho regenerar os costumes nacionaes — pondo o velho lyrismo fóra das alcóvas corrompidas pelo madrigal. A maneira de virginisar os corações das mulheres canceradas pelo sentimentalismo de Vidal e d'outros eroticos é dar-lhes Imperia, como escarmento, leprosa e hydroptica, com chagas na cabeça e pustulas vermelhas, porque

A syphilis bestial roeu-lhe as sobrancelhas.

Este quadro deve fazer arripiar carreira a muita menina incauta que está ouvindo a guitarra de D. João á porta das tabernas do Borratem: e não é para admirar que as excoriações que mancham as epidermes do Bêco da Agua de Flôr venham a desvanecer-se com o uso d'este poema e do sublimado corrosivo.

Contra os poetas sentimentalistas articula galantemente o snr. Guerra Junqueiro no prefacio da segunda edição do seu poema: «Os poetas sentimentalistas cantam trezentas meninas n'um livro de duzentas paginas, menina e meia por pagina, e sendo essas meninas as vossas irmãs, as vossas filhas e as vossas esposas (porque eu não posso aereeditar que taes declarações sejam feitas e meretrizes), os bardos dizem-lhes cousas de tal modo indecentes

que se fôsem pronunciadas no meio da rua, seriam presos pela policia, e, apesar d'isso, vós admittis esses trovadores nas vossas salas, o Estado condecora-os e a sociedade applaude-os. Ora de duas uma : as confissões amorosas que constam d'esses livros ou são verdadeiras ou falsas. Se são verdadeiras, isso equivale a uma confissão de réo, e portanto o poder judicial que proceda : levem Apollo á policia correccional ; se são falsas, então n'esse caso revelam uma especie de nymphomania platonica e litteraria que vós deveis expulsar para sempre das vossas memorias, das vossas estantes e dos vossos pianos. »

Nymphomania, diz o poeta. Mas quem é que escreveu essas declarações amorosas e indecentes ás filhas e ás esposas dos leitores ? Foi a snr.^a D. Maria José da Silva Canuto ? Seria acaso a snr.^a D. Maria Adelaide Fernandes Prata ? Praticou tal excesso a snr.^a D. Maria Rita Chiappe Cadet ? Se foram ellas que deram o escandalo d'esse delirio erotico, é anatomico e criticamente justo accusal-as de *nymphomania* platonica e sujeital-as a um tratamento lacteo e vegetal, banhos frescos, infusão de alface para bebida com sementes emulsivas de melancia e pepino. Porém, se os poetas sentimentalistas são homens, o dotal-os de *nymphas* o snr. Junqueiro é um hermaphroditismo que excede a alçada do seu poder creador, porque vai de encontro a todos os anatomicos desde Galeno até Bichat. Pela mesma razão, se aquellas tres referidas senhoras, na escandecencia do seu estro e paixão, começassem a enviar poemas fescenninos e lubricos ao snr. Guerra

Junqueiro, s. esc.^a não poderia correctamente dizer que as tres damas soffriam priapismo platonico, nem aconselhal-as ao uso de clysters comphorados e sanguesugas nas regiões circumvisinhas.

Em a *Nota* final da MORTE DE D. JOÃO, escreve o auctor com penna copiosa : « Em geral, o poeta moderno não comprehende o seu tempo. Ignora os resultados assombrosos da chimica, da geologia, da ethnographia, da linguistica. » O snr. Guerra Junqueiro, poeta modernissimo, diz modestamente^o que ignora cousas que tomára eu sabel-as, como s. exc.^a, excepto a anatomia que elle descera, fazendo as *nymphas communs* de dous.

Quanto á linguistica, este seu poema dá testemunho de que o philologo é muito superior ao anatomico. Não está bojado nos vernaculidades rançosas nem impertigado nos espartilhos de uma severa grammatica : mas, em geral, quem tiver alguma leitura de livros francezes, percebe-o. Elle conhece os gallicismos — dil-o na *Carta* que precede as *CARICATURAS EM PROSA* de Luiz de Andrade — conhece-os ; mas gasta-os no uso das suas idéas, porque « as palavras do seculo XV não servem para exprimir os pensamentos do seculo XIX. »

O auctor da MORTE DE D. JOÃO, se o forçassem a fallar com palavras de Luiz de Sousa, de Antonio Vieira e de Bernardes, calava-se, porque os pensamentos do seculo de Guerra Junqueiro não podem exprimir-se com palavras do seculo de D. Manoel. Por exemplo : quer s. exc.^a pedir n'um restaurante uma *omelette*. Decerto a não póde pedir como a Maria Parda de Gil Vicente pediria ovos fritos na

taberna de Martim Alho. Claro é portanto que a palavra do seculo XV não exprime o pensamento do seculo XIX. Então era *ovos fritos*, hoje é *omelette*. E assim por diante em tudo que intende com o paladar e com os quatro restantes sentidos corporaes. Já agora a gente só poderá expressar-se em portuguez castiço e fazer-se entender, se acertar de encontrar-se nas explanadas infinitas das Ilhas Beatas do poeta Alceu com o historiador Fernão Lopes e com as poetisas Luiza Sigêa e Paula Vicente.

Mas o snr. Guerra Junqueiro n'um escripto mais recente inclina-se a julgar que a antiga lingua portugueza é-necessaria a quem escreve no seculo XIX. Na apreciação dos romances do snr. Eça de Queiroz, escreve judicioso: « Infelizmente Eça de Queiroz não conhece ainda todos os recursos brilhantes de que pôde dispôr, manejada por um espirito moderno, a antiga lingua portugueza. » (*Occidente*, n.º 7). Parece, todavia, segundo estes dizeres, que esses recursos só pôde dispôr d'elles um espirito moderno. Ha espiritos antigos que não sabem manejar os referidos recursos. Lucena e Camões escreveram para subsidiar os espiritos que bordam os matizes da idéa em bastidor francez; os espiritos antigos, se escrevem, esses, os jarretas, consultam Amaro Mendes Gaveta e o ALLIVIO DE TRISTES do padre Matheus Ribeiro.

O snr. Eça de Queiroz é mais bizarramente generoso com o seu amigo que o acimoa de escasso na prosodia: « O grande poeta moderno da Peninsula », (*Renascença*, pag. 18), escreve com a maior liberalidade geographica o auctor d'O PRIMO BAZILIO — o

romance mais doutrinal que ainda sahio dos prelos portuguezes.

Eu abundo nas dimensões que o romancista marca ao poeta no mappa da Europa. Vingo-me assim da onça do Escorial que nos mostra os velhos gryphos nos sorrisos de Fernandez de los Rios e Castellar. Os hespanhoes pôde ser que venham a desnacionalisar-nos; mas em materia de poetas e prelados, a primazia ha de ser sempre do snr. Guerra Junqueiro e do arcebispo de Braga.

Emquanto se fallar a lingua de Portugal, Algarves e d'além-mar em Africa, fusca Ethiopia e Guiné, dir-se-ha sempre:

D. Frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo primaz;

Guerra Junqueiro, poeta primaz;

Ambos das Hespanhas.

N'este CANCIONEIRO ALEGRE frizaria todo o poema do triumphante filho de Freixo-de-Espada-à-Cinta, porque não ha ahí pagina refractaria aos sorrisos discretos ou ás rinchadas dos risos que dão elasticidade á pleura e sacodem de sobre a alma o cisco das chimeras. Bom livro e bons livros quantos o snr. Guerra Junqueiro florear n'esta sazão das suas primaveras felizes, com a carne alegre, o espirito funambulesco e os ossos sem rheumatismo! *Laissez-les donc! c'est bien plus rigolboche!* é o estigma do estandarte que nos vai levando á treva inferior do utilitarismo e do asco infernal da Arte.

Com medo do snr. Junqueiro já ninguem ousa consagrar á mulher amada duas redondilhas. Os

amantes que sentem um Petrarcha a vibrar-lhes a protuberancia da amatividade, abafam e morrem ineditos. Escassamente se remetem da provincia ás gazetas as dôres da alma com estampilha de vinte e cinco.

O sr. Guerra, flôr das Hespanhas, — o Musagete da occidental praia — fez calar todos os seus dominios intellectuaes — a Peninsula, incluindo Belem. Jayme, ultimamente, não nos ha dito o que lhe vai na alma. Como a poesia não pôde espumear do seio em trovas mais ou menos côxas, mas pudicas, os trovadores amordaçados, em vez de enroscarem as meninas nos alexandrinos, requestam-nas á unha; e pois que a alma não pôde guindar-se pelas estrophes aos terceiros andares, içá-se pelos degraus de sêda. Quem tiver genio e tres francos para um Baudelaire senta-se na esteira dos prostibulos, e harpeja na guitarra a canção das chagas de *Imperia* e do nariz purpureo de *D. João*. E quem não puder tomar pé n'esta angra de lama, contente-se em reatar na sua memoria o ramal de perolas que eu ao acaso tirei do guarda-joias do nosso « Christo da poesia », como lhe chama um tal sr. Oliveira Martins. — Que Martins este e que Christo aquelle!

Agora, e finalmente, sério :

O sr. Guerra Junqueiro tem legitimo direito a que os seus admiradores sensatos o denominem um *brilhante paradoxo*; porém, como arde em luz por demasia intensa e artificial á custa de espelhos ustorios, receio que se carbonise depressa e descambe de paradoxal a semsabor. Precisa de ter genio muito fecundo para equilibrar-se na maroma litteraria

que escolheu. A poesia actual é uma bizarra peccadora : é a Cora Pearl um pouco já desbotada e com dous dentes postiços. Entrou em Portugal, onde tudo entra vinte annos depois que sae de França. Cora Pearl trazia um cravo encarnado no decote sujo : este cravo é o sr. Guerra Junqueiro. Ora eu, por mim, receio que elle perca o aroma, porque as flôres, em contacto com os seios calcinados d'essas mulheres, murcham depressa.

Mas conta-nos o poeta, no prefacio da segunda edição da MORTE DE D. JOÃO, que da primeira se venderam rapidamente 1.200 exemplares.

Quanto a isso, contarei ao sr. Guerra Junqueiro uma cousa de ranço antigo : Um grande poeta comico de Athenas, chamado Menandro, sabendo que o publico applaudira delirantemente uma comedia muito ordinaria e obscena de um versista chamado Philemon, procurou o versista applaudido, e perguntou-lhe : « Não te envergonhas dos teus triumphos ? »

A MORTE DE D. JOÃO

*(D. João olha para um canto e vê o Diabo escondido
dentro d'um confessorio)*

Que vejo eu, Senhor!
O archangelico principe das trevas,
O velho tentador
Das innocentes Evas ;
O espirito orgulhoso,
O espirito revel
Que atirou para o céu esplendoroso
A ameaça da torre de Babel ;
O heroe que andava em noites tenebrosas
A levantar cidades monstruosas,
Babylonias cyclopicas, estranhas,
Onde os gigantes ruiuos, indomaveis
Construiam palacios formidaveis
No ventre das montanhas ;
Elle, o chefe dos tragicos guerreiros,
O negro salteador
Que ia lançar o fogo nos mosteiros
Para roubar as filhas do Senhor ;
E que entrava nas velhas abbadias
Despedaçando os tumulos reaes
E vertendo o falerno das orgias
Sobre as letras dos gothicos missaes ;

O alegre tentador de fórmas várias
 Que com lascívias morbidas, secretas
 Ia tentar os pallidos ascetas
 Á boca das cavernas solitarias ;
 Elle, o pagem que em noites luminosas
 Ás castellãs dormentes, vaporosas
 Ia cantar as languidas balladas ;
 E que ás vezes parava em seu caminho
 Seduzindo as crianças virtuosas,
 Que estavam descuidadas,
 Fiando o alvo linho
 Á beira das estradas ;
 Elle, o filho da treva e do peccado,
 O orgulhoso da raça de Caim,
 Até me custa a crêr que o veja assim
 Repellente, grotesco, desdentado.
 E que vida sombria, aventureira
 No seu nariz gigante,
 Que parece uma tromba de elephante
 Pintada com a côr da caparosa !
 N'aquelle olhar cançado, metaphysico,
 N'essas pupillas bagas
 Revelam-se as desgraças,
 A hypocondria d'um macaco tysico.
 É como um infeliz pelotiqueiro
 Esguio, frouxo, velho, quasi nú,
 D'esses que a gente encontra pelas praças
 Vestidos em janeiro
 Com um manto real de panno crú.

(Dirigindo-se ao Diabo)

Por te vêr sujo, escalavrado e roto,
 Não me enganas, maroto,
 Bem te conheço a ti ;

Não me causas nem odio, nem horror ;
 Dize-me, pois : que vens fazer aqui ?
 Vens a buscar a alma do doutor ?

O DIABO

Eu venho trazer a minha.
 Ando já mesmo na espinha,
 Sou como um figo maduro,
 Um cão tinhoso, nojento
 Que vai buscar o alimento
 Ás podridões do monturo.

Os philosophos modernos
 Foram lá baixo aos infernos,
 Destruíram-me os telhados,
 Deixaram-me a casa nua
 E puzeram-me na rua
 A pontapés. Que malvados !

Fui o exemplo dos reinantes ;
 Tive trezentas amantes
 Mettidas no meu harem,
 Como um illustre varão,
 O frascario Salomão,
 Que eu conheci muito bem

Fui catholico-romano :
 Tambem tinha um Vaticano
 Onde os bons dos cardeas,
 Com theologia excellente,
 Discutiam sabiamente
 Peccados *originaes*.

.....

Quando cheguei a este mundo
 Vinha roto, vinha immundo,
 Cabeça nua e pés nus ;
 Que martyrio inda não visto!
 Para o diabo ser Christo
 Faltou-me apenas a cruz.

Fui a Roma. O padre santo
 Mal me viu, banhado em pranto,
 Logo me fez cardeal :
 Vesti saíotes vermelhos,
 E encobriram-me os chavelhos
 Com a mitra episcopal.

Era eu quem dirigia
 A sagrada mercearia
 Do velho mundo christão ;
 E o pontifice entrevado
 (Que bello homem! coitado)
 Chamava-me seu irmão.

Afinal, oh coisa incrível!
 Tornei o papa infallível,
 Tornei-o santo tres vezes ;
 Mas o bom senso do povo
 Respondeu ao dogma novo
 Como Cambrone aos inglezes.

Perdi tudo. Um bello dia
 Ergueu o collo a heresia,
 Como se diz nos jornaes ;

Quebra depois um banqueiro,
 E foi-se todo o dinheiro
 Do papa e dos cardeas !

(N'este ponto o Diabo enternece-se, as lagrimas saltam-lhe dos olhos e os soluços embargam-lhe a voz. Passados alguns momentos, continua n'um tom grotesco e lastimoso) :

E ao terminar d'esta vida
 Aqui me vês sem guarida,
 Morto de frio e de fome ;
 Não tenho casa, nem cama ;
 Já toda a gente me chama
 Robert Macaire Gentilhome.

Quando passo nas estradas
 Sou corrido com pedradas
 Pelo povo.
 Uns saltimbancos, ha dias,
 Entre mil judiarias,
 Tiraram-me um fato novo.

Esmurraram-me a corcunda,
 Chamaram-me em lingua bunda
 Coisas feias, coisas más,
 E deram-me (que lembrança!)
 Piparotes sobre a pança
 E beliscões por detraz.

Depois, com risos ferozes,
 Gritaram em altas vozes :
 « Vamos tirar ao diabo
 Os satanicos adornos »!
 E um d'elles partiu-me os cornos
 E o outro levou-me o rabo.

Ora aqui tens afinal
 D'esta vida original
 A abreviada noticia :
 E acresceto-te em segredo
 Que ando aqui com muito medo,
 Sabes de quem? da policia.

Ha de haver coisa d'um mez
 Furtei um lenço a um burguez,
 Um rico lenço encarnado ;
 Ando mais morto que vivo :
 Talvez por esse motivo
 Não serei canonisado.

.....

A MORTE DE D. JOÃO

D. JOÃO

E não passa ninguem por esta rua!
 Se o demonio da chuva continúa
 Por mais um dia ou dois,
 Jantarei como tu, Ezequiel,
 Os esterco dos bois.
 Antes eu fôra besta de aluguel
 Ou sapo das latrinas,
 Que não andava aqui pelas esquinas
 Leproso como Job!
 Ai que frio, que frio insupportavel!
 Ó carne miseravel,
 Custa-te bem a transformar-te em pó!

.....

E a caridade, a virgem da agonia
 Que estende a mão aos pobres infelizes,
 Hoje não sae de casa ; a noite é fria
 E tem medo aos pleurizes.
 Fazes tu muito bem, ó caridade!
 Que a chuva na verdade
 Causa graves transtornos á saude ;
 Para prova que o diga o meu abbade,
 E mais esse é um monstro de virtude. . .

Fazes tu muito bem! deixa-te estar
 Ao canto do fogão
 Com as irmãs a rir e a conversar
 Nas modas da estação.
 E adormecei nas languidas poltronas,
 Ao narcotico som dos vendavaes,
 Ó magras solteironas,
 Desdentadas virtudes theologaes!

 Ó Deus forte, ó Deus justo, ó Deus clemente!
 Para que eu seja um verdadeiro crente
 Com muitissima fé nos teus assombros,
 Tu, que fizeste já parar o Sol,
 Digna-te, ó Deus, lançar n'estes meus hombros
 Um capote hespanhol!
 É um milagre tão facil, tão vulgar
 Que qualquer alfaiate o arranjaria,
 Co'a simples condição de lh'o pagar.
 E é teu dever, ó filho de Maria,
 Dar um allivio prompto ás nossas dôres;
 Para isso te rezam de mãos postas,
 E te trazem ás costas
 Em cima dos andores.

 Homens e deuses tudo está perdido!
 E em vão contemplo a abobada celeste,
 A vêr se cae o enxofre derretido.
 Para curar a peste,
 A peste que nos mata,
 Já não basta o enxofre, é necessario
 O nitrato de prata.
 Hoje o homem, é martyr do Calvario,
 Está mais pôdre do que um velho escriba;
 Queres regenerar os corações?
 Não nos mandes sermões,

Manda-nos copahiba.
 E até mesmo no crime e no deboche
 A humanidade é chata e pequenina:
 Que vale a Rigolboche
 Ao pé de Nero e ao pé da Messalina!
 Os juizes agora
 São muito mais baratos
 Do que foram outr'ora
 No tempo de Pilatos.
 Os dandys dissolutos,
 Rachiticos pagãos,
 Tem medo a Jehovah,
 E incendeiam charutos
 Por não poder incendiar christãos,
 Que é coisa que não ha.
 Os paes são os negreiros
 Das suas proprias filhas;
 Os gordos merceiros
 Vendem as consciencias por lentilhas.
 Ai, que frio! que horror!
 Se eu ainda tivesse consciencia,
 Ai, que frio!... comprava um cobertor.

 Fugiu do mundo a candida innocencia.
 Desgraçada donzella!
 Ha quasi seis mil annos
 Não tornamos a ter noticias d'ella.
 Tambem pouco me importa; eu, afinal,
 Mesmo sem paraíso terreal,
 Acharia esta vida muito linda
 Se não houvesse ainda
 A tolce do Codigo Penal.
 Ha tempos para cá eu tenho andado
 Quasi constantemente
 Pelas prisões do Estado;

E é uma coisa indecente,
 Uma coisa exquísita
 Que vá prender-se um homem simplesmente
 Por ter furtado uma mulher bonita.
 É além d'isso a mulher de que se trata
 Não era ahí nenhuma aristocrata,
 Era apenas a filha de um barbeiro
 E, ainda mesmo assim,
 Não era para mim,
 Foi para um brazifeiro.
 E por isso, eu o juro,
 Não tornarei a ser alcoviteiro.
 Pedir esmola é muito mais seguro ;
 Tenho uma chaga preta
 No sitio onde devia
 Trazer uma grilheta.
 Esta chaga é o pão de cada dia.
 Ando a mostrar-a sempre ás multidões
 Psalmeando lamurias gutturaes ;
 Rende diariamente tres tostões,
 E nos domingos talvez renda mais.
 Eu digo d'esta chaga o que alguém disse
 Do Deus immaculado :
 Se ella não existisse,
 Já a tinha inventado.

.....

Que horror, que horror! os ventos infinitos,
 Os ventos penetrantes,
 Malditos!
 Riem como estudantes
 Ás grossas gargalhadas,
 E atravessam-me a carne apodrecida
 Como um milhão de espadas.

.....

Sinto exhalar da lampada da vida
 O ultimo perfume...
 Ó burguezes! quem compra D. João?
 Quem quer fazer estrume?
 Meu velho coração
 Pára como um relógio ;
 Escrevei-me depressa o necrologio,
 Ó menestreis da moda,
 Bardos do romantismo!
 Vem apagar a luz que me incommoda
 E mergulhar no abysmo.
 E tu, ó sociedade,
 Ingrata concubina!
 Se me não lanças pão, faz'-me a vontade,
 Lança-me strychnina.
 É um remedio seguro
 Para quem traz o estomago vazio ...
 Oh que frio! que frio!
 Partam-me esta cabeça contra o muro,
 Que eu não posso soffrer nem um instante
 A dôr que me consome ...

[IMPERIA

D. João, ó meu amante,
 Diz'-me, que tens! ...

D. JOÃO (*expirando*)

Não é remorso ... é fome.